

## Os verbos *botar* e *colocar* no falar de Fortaleza-CE\*

### The verbs *botar* and *colocar* in the speech of Fortaleza-CE

Aluiza Alves de Araújo<sup>1</sup>

Cassio Murílio Alves de Lavor<sup>2</sup>

Maria Lidiane de Sousa Pereira<sup>3</sup>

**Resumo:** Com base na Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), esta pesquisa aborda a variação no uso dos verbos *botar* e *colocar*, no sentido de *introduzir* um objeto/pessoa, *pôr dentro*, *enfilar*, *meter*, *inserir*, *tomar* e *engolir*, em amostra do falar popular de Fortaleza – CE. Nosso objetivo é analisar a atuação de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos sobre a realização dos verbos *botar* e *colocar*. Para tanto, selecionamos 72 inquéritos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) provenientes do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Com o auxílio do programa de análises estatísticas GoldVarb X, estudamos um total de 846 ocorrências dos verbos em análise. Do número total de casos, o GoldVarb X mostrou que o verbo *botar* é usado com uma frequência maior (84%) que o verbo *colocar* (16%). Além disso, os resultados indicam que o *fator cotidiano*, da *variável tópico discursivo*, condiciona a realização do verbo *botar* em ocorrência com *colocar*. A partir desses resultados, concluímos que, na amostra desta pesquisa, os verbos *botar* e *colocar* são usados pelos informantes em maior ou menor proporção e são devidamente condicionados por uma variável externa ao sistema linguístico, isto é, pelo *tópico discursivo*.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista. Falar de Fortaleza. *Botar* e *colocar*.

**Abstract:** Based on the variationist sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), this research addresses the variation in the use of the verbs *botar* and *colocar*, in the sense of introducing an object/person, *putting in*, *to insert*, *to take* and *to swallow*, in sample of the popular speech of Fortaleza - CE. Our goal is to analyze the performance of linguistic and/or extra-linguistic factors on the realization of the verbs *botar* and *colocar*. For that, we selected 72 Diálogo Entre Informante e Documentador (DID) surveys from the Norma Oral do Português Popular de Fortaleza Project (NORPOFOR). With the aid of the GoldVarb X statistical analysis program, we studied a total of 846 occurrences of the verbs under analysis. Of the total number of cases, GoldVarb X showed that the verb *botar* is used much more frequently (84%) than the verb *colocar* (16%). In addition, the results indicate that the *daily factor*, of the *discursive topic variable*, conditions the realization of the verb *botar* in occurrence with *colocar*. From these results, we conclude that, in the sample of this research, the verbs *botar* and *colocar* are used by the informants to a greater or lesser extent and are properly conditioned by a variable external to the linguistic system, that is, by the *discursive topic*.

**Keywords:** Variationist Sociolinguistics. Speech of Fortaleza. *Botar* and *colocar*.

---

\* Esta pesquisa foi desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE), coordenado pela Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo, docente vinculada à Linha 2 – Multilinguagem, Cognição e Interação – do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA).

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Línguas e Literaturas, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, CE, Brasil. Endereço eletrônico: [aluizazinha@hotmail.com](mailto:aluizazinha@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, CE, Brasil. Endereço eletrônico: [murilolavor\\_rh@hotmail.com](mailto:murilolavor_rh@hotmail.com).

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, CE, Brasil. Bolsista da CAPES. Endereço eletrônico: [lidianep.sousa@gmail.com](mailto:lidianep.sousa@gmail.com).

## Introdução

Ao longo de mais de meio século, a Sociolinguística Variacionista defende princípios teóricos e analíticos que promovem o estudo – sempre com base em dados reais de linguagem em uso – dos mecanismos subjacentes aos mais diversos processos de variação e mudança linguística. Para tanto, os estudiosos vinculados a esse campo do conhecimento assumem, antes de qualquer coisa, que a variação e a mudança linguística são processos inerentes a toda e qualquer língua natural (LABOV, 1978; 2008 [1972]; MOLLICA, 2003).

Entende-se, ainda, que a variação e a mudança linguística são processos motivados não somente por fatores linguísticos, mas também, por fatores externos à língua enquanto sistema. Logo, uma das principais tarefas dos variacionistas é identificar e compreender o modo como determinados fatores atuam sobre os mais diversos fenômenos de variação e mudança linguística.

A busca por explicações para esses fenômenos tem como um dos resultados a construção de um rico acervo de pesquisas sobre fenômenos linguísticos variáveis em diferentes níveis de análise linguística (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, discursivo etc.) e em diferentes pontos do Brasil. Essas pesquisas proporcionam um ‘retrato’ sociolinguístico mais próximo à realidade do português do Brasil (doravante PB) e por meio do qual é possível trabalhar no sentido de desconstruir a ideia de uma língua homogênea ou caótica.

Tencionando ampliar a visão da Sociolinguística sobre os fenômenos variáveis que constituem o PB, esta pesquisa aborda a variação entre os verbos *botar* e *colocar* em amostra da variedade popular falada em Fortaleza-CE a partir de uma amostra extraída do banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR)<sup>4</sup>. A partir disso, objetivamos analisar quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam a realização dos verbos em foco, na amostra deste trabalho.

Sobre a alternância entre os verbos *botar* e *colocar*, no falar fortalezense, destacamos os excertos 01 e 02, localizados na amostra desta pesquisa.

(01) ele comprou um revólver calibre trinta e dois... ele *botou*... balas de outro calibre no revólver dele... (DID 22, NORPOFOR)<sup>5</sup>.

(02) eu era muito conhecido pela polícia... e eles me prometiam... que eu ao completar dezoito anos... eles iriam me *coloca::r.* no presídio... (DID 22, NORPOFOR).

---

<sup>4</sup> Para a constituição do Projeto NORPOFOR, Araújo (2007) utiliza o termo norma popular na acepção entendida por Bagno (2003): variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização (BAGNO, 2003, p. 59).

<sup>5</sup> DID (Diálogo entre Informante e Documentador) é o tipo de registro; o número 22 é o número do inquérito; NORPOFOR é o banco de dados com o qual trabalhamos (ARAÚJO, 2010).

Os excertos (01) e (02) apresentam um fenômeno de variação linguística, pois, como vemos, um mesmo falante pode usar, em um mesmo contexto, tanto a variante<sup>6</sup> *botar* como a variante *colocar* com o mesmo significado referencial, mas com distintos ‘valores sociais’. Sobre esse último aspecto, cabe explicar que entendemos a variação entre os verbos *botar* e *colocar*, no falar de Fortaleza, como um fenômeno que ocorre harmoniosamente, independente de *status* social, escolaridade, sexo e localidade do informante. No entanto, é preciso considerar que existe uma atribuição de valores sociais ao verbo *colocar*, como sendo o ‘correto’, e ao verbo *botar*, como sendo ‘errado’, pelo senso comum<sup>7</sup>. Todavia, as chamadas Gramáticas Tradicionais (doravante GT’s) (cf. BECHARA, 2015; FERREIRA, 2003; ROCHA LIMA, 1992) e dicionários (cf. BECHARA<sup>8</sup>, 2011; LUFT, 2006; XIMENES, 2000) não fazem nenhum tipo de menção aos valores sociais atribuídos a esses verbos.

Constatada a alternância entre os verbos *botar* e *colocar* no falar da capital cearense, é tarefa nossa investigar, com base em dados reais de linguagem em uso, como esse fenômeno se manifesta. Assim, procuramos lançar luz aos seguintes questionamentos:

- O verbo *botar* é mais frequente que o verbo *colocar* em amostra de fala popular fortalezense?
- Quais fatores linguísticos (*traço semântico e animacidade do objeto, (in) determinação do sujeito e papel do falante*) e/ou extralinguísticos (*sexo, faixa etária, escolaridade e tópico discursivo*) favorecem o uso de *botar* em coocorrência com *colocar*?
- A alternância entre os verbos *botar* e *colocar*, na amostra examinada, compreende um processo de variação linguística estável ou há indícios de mudança em curso?<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Chamamos de variantes as formas individuais que “disputam” a expressão da variável (LABOV, 2008 [1972]).

<sup>7</sup> O senso comum, segundo Fonseca (2002, p. 10), “surge instintivo, espontâneo, subjetivo, acrítico, permeado pelas opiniões, emoções e valores de quem o produz” [...]. Quanto às constatações feitas por nós acerca dos valores sociais atribuídos aos verbos estudados, pontuamos que elas foram construídas, basicamente, por meio de diálogos e questionamentos informais feitos aos nossos colegas de profissão, alunos em sala de aula e demais pessoas em nosso cotidiano.

<sup>8</sup> *BOTAR* – “lançar fora, expelir, colocar, pôr, meter, vestir, calçar, pôr ovos, desovar, atribuir, imputar, preparar, arranjar, deitar, estender, tocar de leve, encostar, pôr dentro, introduzir, enfiar, lançar fora, vomitar, estabelecer, montar, guardar, depositar, enviar, postar, lançar-se, atirar-se, pôr-se de viagem, deslocar-se, ir-se” (BECHARA, 2011, p. 227).

*COLOCAR*- “pôr sobre si mesmo ou sobre o outro, pôr, depositar, posicionar, assumir uma posição, ocupar seu lugar, situar em hierarquia (esportiva, social, moral), trazer à consideração num debate ou numa votação, empregar (-se), acomodar-se, instalar-se”. (BECHARA, 2011, p. 322).

<sup>9</sup> Para esta pesquisa, entendemos a variante *colocar* como padrão e *botar* como não padrão. Além disso, entendemos que as variantes padrão são, grosso modo, as formas que mais se aproximam das variedades cultas da língua. Por outro lado, as variantes não padrão costumam se afastar dessas variedades, conforme Coelho et al. (2015).

Além desta introdução, em que apresentamos e delimitamos o tema, o objetivo e os questionamentos da pesquisa, este artigo é constituído por mais quatro seções. Assim, na próxima seção, apresentamos, ainda que brevemente, alguns dos principais achados de outras pesquisas variacionistas acerca do fenômeno estudado aqui. Depois disso, abordamos, na seção da metodologia, o *corpus*; a amostra analisada; as variáveis testadas; as hipóteses da pesquisa dentre outros pontos. Temos, também, a seção dedicada à análise e discussão dos resultados e fechamos este artigo com as considerações finais.

### **Estudos variacionistas sobre os verbos *botar* e *colocar* no Português do Brasil**

Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) estudaram os verbos *botar* e *colocar*, com sentido de *pôr*, usando dois *corpora*: o Projeto Mineirês e o Projeto Norma Urbana Culta (doravante NURC). As autoras analisaram uma amostra de fala na qual foram localizadas 225 ocorrências de *botar* e *colocar*. Os informantes da pesquisa foram estratificados segundo o *sexo* (masculino e feminino) e a *localidade* (Rio de Janeiro e Minas Gerais). Ao lado dessas variáveis, Barreto, Oliveira e Lacerda (2012) controlaram as variáveis *indeterminação do sujeito do verbo*; *parte (ou não) de locução verbal*; *termo seguinte ao verbo*; *papel do falante* e *uso do verbo*.

Os resultados iniciais demonstraram que o programa selecionou 111 ocorrências, para o verbo *botar*, e 114, para *colocar*, o que significa que ambas as variantes são usadas quase igualmente na amostra analisada. Como relevantes para o verbo *botar*, foram selecionadas as variáveis *posição inicial ocupada pelo verbo na sentença* (0,943)<sup>10</sup>; *localidade do falante Rio de Janeiro* (0,819); *determinação do sujeito do verbo* (0,620) e o *sexo feminino* (0,584).

O segundo trabalho que consideramos sobre os verbos *botar* e *colocar* é o estudo de Carmo e Araújo (2015), que também analisou as variantes analisadas por nós no sentido de *pôr*, usando informantes do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT)<sup>11</sup>. Foi selecionada uma amostra constituída por 35 informantes, estratificados em *sexo* e *faixa etária*. As variáveis controladas foram: *sexo do falante*; *tipo de registro*; *papel do falante*; *sentido do verbo*; *indeterminação do sujeito do verbo*; *locução verbal*; *tipo de sequência* e *tempo verbal*.

Com o programa GoldVarb X<sup>12</sup>, foram analisadas estatisticamente 302 ocorrências do

---

<sup>10</sup> Os números entre parêntese indicam os pesos relativos obtidos.

<sup>11</sup> Esse banco de dados foi constituído sob os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) para servir como fonte de dados de diversos estudos linguísticos e de descrição da variedade culta fortalezense (CARMO; ARAÚJO, 2015).

<sup>12</sup> O GoldVarb X foi desenvolvido para auxiliar as análises estatísticas dos dados coletados pelo pesquisador variacionista, constituindo-se numa versão mais atualizada do Varbrul para o ambiente *Windows*. Em síntese, é um conjunto de programas computacionais para análise estatística de dados linguísticos (SCHERRE, 2012). Para maiores informações sobre o GoldVarb X, visitar a página disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 12 mar. 2020.

fenômeno estudado: 172, para *botar*, e 130, para *colocar*. Na primeira rodada, foi detectados nocautes<sup>13</sup> na variável *tempo verbal*, mais precisamente nos fatores *futuro do presente do subjuntivo*, *imperativo afirmativo* e *futuro do pretérito do indicativo*. Desprezados os nocautes e realizada uma segunda rodada, o programa analisou 296 ocorrências: 167, para *botar* (56,40%) e 129, para *colocar* (43,60%). O programa apontou como estatisticamente pertinentes as variáveis *sexo*, *sentido do verbo* e *tempo verbal*, nessa mesma ordem de importância, como favorecedoras do verbo *botar*.

Entre os *tempos verbais*, o que mais favorece o verbo *botar* é o *presente do subjuntivo* (0,706). Os tempos *pretérito imperfeito do indicativo* (0,644), *pretérito perfeito do indicativo* (0,592) e o *presente do indicativo* (0,549) também se comportaram como aliados da regra, embora este último esteja próximo ao ponto neutro (0,50). O *gerúndio* (0,512) age de forma praticamente neutra, enquanto o *particípio* (0,071) e o *infinitivo* (0,489) atuam como inibidores do uso de *botar*.

A variável apontada como a segunda favorecedora do verbo *botar*, para a pesquisa de Carmo e Araújo (2015), foi o *sentido do verbo*, apontando o *traço + concreto* (0,567) como o único aliado do verbo *botar*, enquanto o *traço + abstrato* (0,425) inibe o uso dessa mesma forma variante. A variável *sexo* – última selecionada no estudo – apontou o *sexo masculino* (0,558), ainda que discretamente, como aliado do verbo *botar*, enquanto o *sexo feminino* (0,435) se comportou como inibidor da realização dessa forma variante.

Na pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2018) foi realizada, primeiramente, uma rodada ternária, *botar x colocar x pôr*, e, em seguida, os pesquisadores decidiram fazer uma rodada binária, *botar x colocar*. Essa pesquisa utilizou dados extraídos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)<sup>14</sup>, em que os informantes são estratificados em *sexo*, *faixa etária* e *localidade*, selecionando cidades e capitais de três estados nordestinos: *Alagoas* (Arapiraca, Santana do Ipanema e Maceió), *Ceará* (Camocim, Canindé, Crateús, Crato, Iguatu, Ipu, Limoeiro do Norte, Quixeramobim, Russas, Sobral, Tauá e Fortaleza) e *Piauí* (Canto do Buriti, Corrente, Picos, Piripiri e Teresina).

A referida pesquisa controlou as variáveis extralinguísticas *sexo* (masculino e feminino)

---

<sup>13</sup> Nocaute é uma terminologia de análise do GoldVarb X usada em todos os programas da série Varbrul. O nocaute significa “que, num dado momento da análise, [a ocorrência de uma dada variante em função de um determinado fator] corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158). Em outras palavras, os nocautes são as indicações de fatores ou grupos de fatores que se configuram como categóricos, ou seja, as variantes não competem com base nesses fatores ou grupos de fatores indicados.

<sup>14</sup> O ALiB surgiu com o objetivo de mapear o falar brasileiro, a partir de dados colhidos, *in loco*, nos 250 pontos de inquérito, distribuídos pelas cinco regiões do país. Na realização desta empreitada, foram percorridos 257.851 quilômetros, de acordo com Cardoso e Mota (2012), e foram entrevistados 1.100 informantes. Trata-se, portanto, do maior e mais atual *corpus* do português falado do qual temos notícia.

e *faixa etária* (faixa I, 18 a 30 anos, e faixa II, 45 a 60 anos). Lavor, Araújo e Viana (2018) estudaram, também, a variável *forma verbal* (*presente, pretérito e demais formas encontradas*) e *tipo de questionário* (QFF - *Questionário Fonético-Fonológico*; QSL - *Questionário Semântico-Lexical* e QMS - *Questionário Morfossintático, Questões de Prosódia, Discurso Semidirigidos e Perguntas Metalinguísticas*).

Para o estudo de Lavor, Araújo e Viana (2018), foi selecionada uma amostra composta por 84 informantes: 42 mulheres e 42 homens, igualmente distribuídos por cada cidade controlada dos estados de *Alagoas, Ceará e Piauí*. Na primeira rodada ternária<sup>15</sup>, o programa detectou a presença de 4 nocautes (1, na *variável localidade* e 3, na *variável tipo de questionário*, com 100% das ocorrências para o verbo *botar*). Ao todo, foram analisadas um total de 351 (42,2%) ocorrências para *colocar*, 353 (42,5%) para *botar* e 127 (15,3%) para *pôr*. Os resultados estatísticos apontaram o *sexo masculino* (47,3%) com a maior frequência para o verbo *botar* nos três estados pesquisados. O verbo *colocar* (47,7%) é mais frequente no *sexo feminino* e o verbo *pôr* não foi selecionado. Ainda nessa rodada ternária, o programa revelou a *faixa etária II* (55,3%) com a maior frequência para o verbo *botar*.

O programa selecionou as cidades de *Limoeiro do Norte-CE* (69,2%); *Quixeramobim-CE* (66,7%); *Camocim-CE* (64,3%) e *Santana do Ipanema-AL* (64,1%), com as maiores frequências para o verbo *botar*. No que se refere às capitais, o verbo *botar* foi mais produtivo na capital *Teresina-PI* (60,8%), seguido de *Fortaleza - CE* (59,1%). Diferentemente das demais cidades, em *Piripiri-PI*, as três variantes se comportaram em termos de frequência da mesma maneira, ocorrendo um empate: *botar* (33,3%), *colocar* (33,3%) e *pôr* (33,3%). Para a variável *forma verbal*, a maior frequência (46,9%) para o verbo *botar* com o tempo *pretérito*. Quanto à variável *tipo de questionário*, o uso do verbo *botar* no *Questionário Morfossintático - QMS* foi o mais frequente com 46,4%.

Na segunda parte da pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2018), foi criado outro grupo de fatores *faixa etária x localidade* e contou com uma rodada binária para *botar* e *colocar*. Nessa parte do estudo, os pesquisadores obtiveram 704 ocorrências: 353 (50,11%), para *botar*, e 351 (49,9%), para *colocar*, tendo sido registrado um nocaute no fator *perguntas metalinguísticas*. A variável *sexo x faixa etária* foi selecionada como relevante para a aplicação do verbo *botar* tendo os *homens* (0,775) e as *mulheres* (0,638) da *faixa etária II* (os mais velhos) como únicos aliados da regra; já o verbo *colocar* foi o mais empregado entre as *mulheres* (0,436), mesmo não se comportando como favorecedor. A variável *faixa etária II* (0,650) foi

---

<sup>15</sup> Para essa rodada ternária com os verbos *botar x colocar x pôr*, devido aos repetitivos nocautes na variante *pôr*, o programa não apresentou os pesos relativos.

selecionada como a única que beneficia a variante *botar*. Quanto à *faixa etária I* (de 18 a 30 anos), os autores pressupõem que os informantes usam mais o verbo *colocar* (35,10 %) que *botar*.

A terceira variável selecionada pelo programa, isto é, a variável *localidade*, apresentou *Camocim-CE* (0,819), como a localidade que favorece o uso de *botar*, já a cidade de *Arapiraca-AL* (0,233), aparece como o fator que menos privilegia este verbo. Entre as capitais, *Teresina-PI* (0,710) é a maior aliada da variante *botar*, já *Maceió - AL* (0,493) é a que mais inibe o seu uso e é a que mais emprega a forma *colocar*, com uma frequência de 46,80%.

A literatura apresentada, nesta seção, evidenciou que a variável extralinguística *sexo* foi selecionada como favorecedora do verbo *botar* nas três pesquisas consideradas (BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012; CARMO; ARAÚJO, 2015; LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018), tendo os *homens* como beneficiadores e as mulheres como inibidoras do verbo *botar*. Ou seja, nas amostras das pesquisas de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012); Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Araújo e Viana (2018) os *homens* tendem a usar mais o verbo *botar* enquanto as *mulheres* preferem o verbo *colocar* – exceto na cidade do Rio de Janeiro, em que as mulheres preferem o verbo *botar* (cf. Barreto, Oliveira e Lacerda, 2012). O fator *localidade* também se mostrou relevante, ao ser selecionada em duas das três pesquisas apresentadas (BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012; LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018). Para todos os efeitos, as três pesquisas comentadas, ainda que brevemente, mostram que o verbo *botar* se consolidou como o mais frequente, independente da *localidade*.

## **Metodologia**

Para a realização desta pesquisa, pautamos nossa abordagem nos postulados teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 1985; MOLLICA; BRAGA, 2003; GUY; ZILLES, 2007). Logo, este estudo é de caráter descritivo e quantitativo e, para sua realização, seguimos, basicamente, os seguintes procedimentos: i) delimitação da amostra; ii) audição dos inquéritos selecionados no projeto NORPOFOR; iii) coleta de dados; iv) definição dos grupos de fatores; v) codificação dos dados; vi) quantificação e análise a partir dos resultados fornecidos pelo GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

## **Sobre o corpus da pesquisa**

Para este estudo, optamos por trabalhar com o banco de dados do Projeto NORPOFOR, por ser representativo do falar popular fortalezense e, também, por ser o banco de dados mais

atual que temos sobre o falar popular da capital cearense. Embora esse *corpus* apresente três formas de registro (Diálogo Entre Informante e Documentador (DID); Diálogo entre Dois Informantes; (D2) e Elocução Formal (EF)), selecionamos para este trabalho somente inquéritos do tipo DID por ser esse o “tipo de registro que apresenta o maior número de informantes (44 homens e 41 mulheres)”. Além disso, o DID “possui maior média de duração em todo o *corpus*: 57min. 03seg. (cinquenta e sete minutos e três segundos)” (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018, p. 48-49). Ademais, no tipo de registro DID, há menos sobreposição de vozes, pois o entrevistador quase não intervém durante a entrevista e entrevistado é convidado a narrar experiências pessoais. Esse segundo aspecto, sobretudo, tende a fazer com que o informante esqueça que está sendo gravado, “deixando, sempre que possível, de prestar atenção à própria fala” (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018, p. 47-48). Esse comportamento torna a fala dos informantes mais próxima daquela usada em seu cotidiano com amigos e familiares, caracterizando, assim, o chamado *vernáculo* (LABOV, 2008 [1972]).

Segundo Araújo (2011), o banco de dados NORPOFOR foi idealizado para suprir a inexistência de um *corpus* constituído sobre o falar popular dos fortalezenses e que representasse essa variedade linguística do ponto de vista quantitativo, controlando as variáveis extralinguísticas *sexo, faixa etária, escolaridade e tipo de registro*. A coleta para formar esse banco de dados foi realizada entre agosto de 2003 a julho de 2006. O NORPOFOR é formado por 198 entrevistas com informantes nascidos e residentes em Fortaleza e que nunca se ausentaram da capital cearense por um período superior a dois anos, fato esse que neutraliza a interferência dos falares de outras regiões (ARAÚJO, 2011). Do total das entrevistas, 86 delas compreendem os inquéritos do tipo DID; a partir deste universo, selecionamos os inquéritos que formaram a amostra analisada aqui.

### **A amostra e as hipóteses da pesquisa**

Após ouvirmos todas as entrevistas do tipo DID disponíveis do acervo sonoro do projeto NORPOFOR, escolhemos 72 para comporem a amostra desta pesquisa. Isso nos fornece 4 (quatro) informantes por célula e garante uma amostra totalmente equilibrada dentro do que este estudo propõe (GUY; ZILLES, 2007). Cabe destacar que, das 87 entrevistas do tipo de registro DID, apenas 15 entrevistas não foram selecionadas. Tais inquéritos foram descartados não por falta de ocorrências dos verbos em análise, mas sim, porque intentamos formar células homogêneas, o que não seria possível usando todos os inquéritos do tipo DID disponíveis no NORPOFOR.

No Quadro 1, apresentamos a estratificação dos informantes selecionados para a



pesquisa, conforme o controle das variáveis extralinguísticas *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes na amostra desta pesquisa

Tipo de registro	Sexo					
	Homem			Mulher		
	DID			DID		
Escolaridade/Faixa etária	0 – 4	5 – 8	9 - 11	0 – 4	5 – 8	9 – 11
15 a 25 anos	4	4	4	4	4	4
26 a 49 anos	4	4	4	4	4	4
50 em diante	4	4	4	4	4	4
Total de informantes por célula	12	12	12	12	12	12
Total da amostra	72					

Fonte: elaborado pelos autores com base em Araújo, Viana e Pereira (2018).

Conforme os dados do Quadro 1, temos: 24 informantes da faixa etária de *15 a 25 anos*; 24 informantes da faixa etária de *26 a 49 anos*; 24 informantes da faixa etária *a partir dos 50 anos*; sexo: *homens* (36 informantes) e *mulheres* (36 informantes); escolaridade: 24 informantes de *0 a 4 anos*; 24 informantes de *5 a 8 anos*; 24 informantes de *9 a 11 anos*.

O fato de nossa amostra ser constituída por 4 (quatro) informantes por célula nos aproxima bastante do modelo quantitativo proposto por Labov (2008 [1972]), com 5 (cinco) informantes por célula. No caso desta pesquisa, o número de 4 (quatro) informantes por célula garantiu que a nossa amostra fosse suficientemente representativa da variedade estudada (GUY; ZILLES, 2007).

Em consonância com os aspectos já mencionados, é pertinente destacar que, durante a audição na íntegra de todos os inquéritos do tipo DID, constatamos a diversidade de sentidos oferecidos pelos verbos *botar* e *colocar* na fala dos informantes do NORPOFOR. Isso fez com que entendêssemos que seria preciso um estudo que contemplasse outros sentidos para os verbos analisados aqui, diferenciando-se das pesquisas que nos servem como norteadoras e que foram comentados anteriormente (BARRETO; OLIVEIRA; LACERDA, 2012; CARMO; ARAÚJO, 2015; LAVOR; ARAÚJO; VIANA, 2018) haja vista essas pesquisas terem trabalhado apenas com o sentido de *pôr* para os verbos *botar* e *colocar*, deixando de lado todas as outras possibilidades semânticas do verbo.

Esse fato nos motivou a fazer um mapeamento dos sentidos desses verbos, a fim de entendermos como eles se comportam quando assumem outros significados – procedimento ainda não realizado no Brasil. Assim, optamos por realizar esta pesquisa, usando os verbos *botar* e *colocar* com o sentido de *introduzir objeto/pessoa*, *pôr dentro*, *enfiar*, *meter*, *inserir*, *tomar* e *engolir*, conforme mencionado na introdução.

A partir do projeto NORPOFOR, definimos as variáveis extralinguísticas controladas nesta pesquisa (*sexo*: masculino e feminino; *faixa etária*: I, 15 a 25 anos, II, 26 a 49 anos, III, a

partir dos 50 anos; *escolaridade*: 0-4, 5-8 e 9-11). Acrescentamos ao grupo das variáveis extralinguísticas a variável *tópico discursivo* (trabalho, recordações, relacionamentos, religião, cotidiano, vida escolar, lazer e outros) entendendo, conforme Marcuschi (1991), que as conversações sociais iniciam-se com o tópico que motivou o encontro, ou seja, o tópico é a base para o início de uma interação.

Em conformidade com o que já sinalizamos, as variáveis linguísticas controladas neste trabalho foram selecionadas, sobretudo, a partir das pesquisas de Barreto, Oliveira e Lacerda (2012), Carmo e Araújo (2015) e Lavor, Araújo e Viana (2018). Assim, analisamos sobre os verbos *botar* e *colocar*, as variáveis *traço semântico e animacidade do objeto* (+animado e +humano, +animado e – humano, – animado e +concreto, – animado e – concreto)<sup>16</sup>; (*in*) *determinação do sujeito* (Determinado pelo contexto, Genérico) e *papel do falante* (agente, paciente, experienciador, beneficiário).

Essa tomada de posição metodológica nos possibilitou a formulação de algumas hipóteses iniciais que foram devidamente testadas, podendo ser refutadas ou confirmadas pelos dados analisados. Essas hipóteses, é salutar destacar, foram levantadas conforme os questionamentos elencados na introdução deste artigo. De modo mais preciso, ao analisar a variação dos verbos *botar* e *colocar* – no sentido de *introduzir objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar e engolir* – em amostra do falar popular de Fortaleza, lançamos mão das seguintes hipóteses iniciais: (i) a variante *botar* é mais frequente que *colocar*, na amostra desta pesquisa; (ii) os informantes do sexo masculino favorecem a realização de *botar*, ao contrário das mulheres que beneficiam *colocar*; (iii) os falantes mais velhos privilegiam o uso de *botar* em detrimento dos mais jovens que favorecem *colocar*; (iv) a faixa etária II (de 26 a 49 anos) privilegia *colocar*; (v) os informantes menos escolarizados (escolaridade de 0 a 4 anos) favorecem a realização de *botar*, ao contrário dos mais escolarizados (escolaridade de 9 a 11) anos; (vi) o fator sujeito determinado pelo contexto favorece o verbo *botar*; (vii) a sentença em que o sintagma nominal é +animado e +humano beneficia a realização de *botar*; (viii) quando o falante exerce o papel de beneficiário, a realização do verbo *botar* é favorecida; (ix) dentre os tópicos discursivos, o fator trabalho favorece o verbo *botar*, ao contrário do fator escola, que inibe o uso desse verbo e (x) a alternância do verbo *botar* e *colocar* representa, na amostra deste estudo, um caso de variação estável.

---

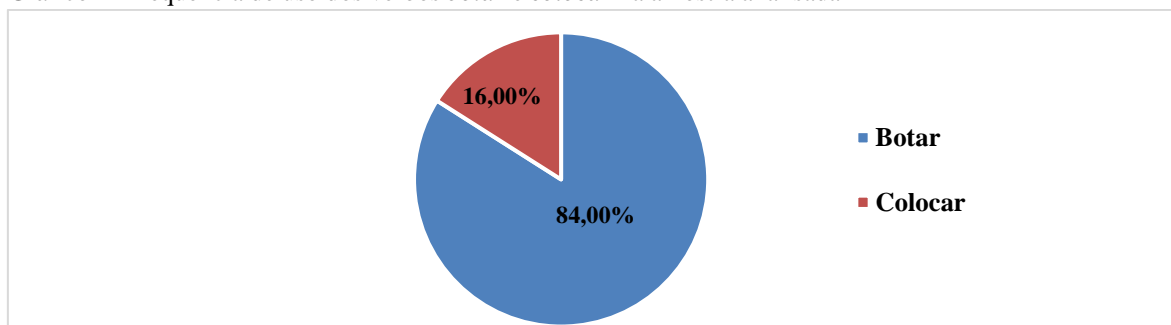
<sup>16</sup> Para definirmos essa variável, buscamos amparo nos estudos iniciados em 1963 por Benard Pottier (POTTIER, 1968, 1970, 1972, *apud* LOPES, 1997).

## Apresentação e discussão dos resultados

Na primeira rodada de análise estatística, o GoldVarb X apontou a presença de 5 (cinco) nocautes: 4 (quatro) no grupo de fatores *tópico discursivo* (1, no fator + *animado* e – *humano*; 1, no fator *lazer*; 1, no fator *vida* e 1, no fator *escolar*), com 100% das ocorrências (2) para o verbo *botar*; 1 (um) nocaute no grupo *traço semântico e animacidade do objeto*, com 100% das ocorrências (2) para o verbo *botar*.

Resolvemos desprezar os nocautes e realizar uma segunda rodada. Após a retirada dos nocautes, o programa apresentou um total de 131 ocorrências dos verbos em análise: 110, para *botar* (84%) e 21 (16%), para *colocar*, conforme o Gráfico 1.

Gráfico 1- Frequência de uso dos verbos *botar* e *colocar* na amostra analisada



Fonte: elaborado pelos autores.

Os dados do Gráfico 1 mostram que, com uma frequência de 84%, o verbo *botar* é, na amostra desta pesquisa, o mais usado quando o sentido materializado pelo verbo é *introduzir objeto* ou *pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar, engolir*. Esses resultados confirmam, portanto, a hipótese que levantamos inicialmente para o comportamento das variantes estudadas. Afinal, esperávamos que a variante *botar*, tida como não padrão, ocorresse com uma frequência maior que a variante padrão, nesse caso, o verbo *colocar*. Sobre essa assertiva, lembramos que, dentre os estudiosos da linguagem, nos parece consenso a ideia segundo a qual as variedades populares, frequentemente, se mostram mais sensíveis ao uso de variantes tidas como não padronizadas (BORTONI-RICARDO, 2004; LUCCHESI, 2012, FARACO; ZILLES, 2017).

Com isso, não estamos sugerindo, em instância alguma, que as variantes não padrão são exclusividade das variedades populares, tampouco, compreendemos que nelas não é possível registrar o uso de formas variantes tidas como padrão. Na verdade, o que temos aqui é uma questão de frequência de uso das formas variantes. Assim, conforme já nos referimos, diversos estudos sociolinguísticos indicam que a frequência de uso de formas não padronizadas tende a ser maior em variedades populares.

As explicações para isso possuem correlação com diversas questões, sobretudo sociais. Dentre elas, cabe destacar que, uma vez compreendidas as variedades populares como aquelas usadas por sujeitos com pouca ou nenhuma escolarização e em situações com pouca formalidade, é natural esperar que o menor contato com a escola proporcione uma menor familiarização com formas linguísticas prestigiadas socialmente e tidas como padrão. Assim, nos parece natural esperar que, quanto menor for o contato dos informantes com o modelo de língua priorizado nas escolas, maiores são as chances ou tendências de esses sujeitos usarem formas que se distanciam do padrão normativo, como no caso do verbo *botar*. Em contrapartida, quanto maior for o tempo de contato dos indivíduos com o modelo de língua prestigiado pela escola, maiores são as chances de eles usarem formas linguísticas mais próximas do padrão normativo, no caso deste estudo, o verbo *colocar*.

Dito isso, ressaltamos que, após a retirada dos nocautes, o GoldVarb X revelou, com *input*<sup>17</sup> de 0,866 e *significance*<sup>18</sup> igual a 0,007 que, para essa rodada, a variável *tópico discursivo* é a única relevante estatisticamente para o uso do verbo *botar*. Diante desse resultado, optamos por apresentar não apenas os resultados estatísticos obtidos para a variável *tópico discursivo*, mas, também, para as variáveis sociais *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*, ainda que apenas em termos de frequências de uso. Essa decisão levou em consideração o fato de essas variáveis serem, historicamente, reconhecidas como de grande importância para os estudos variacionistas.

Sobre os resultados obtidos para a variável *tópico discursivo*, vejamos os dados da Tabela 1:

Tabela 1- Atuação da variável *tópico discursivo* sobre o verbo *botar* na amostra analisada

Fatores	Aplic./Total	%	PR <sup>19</sup>
<b>Cotidiano</b>	<b>36/38</b>	<b>94,7%</b>	<b>0,736</b>
Recordações	35/42	83,3%	0,437
Religião	4/6	66,7%	0,237
Trabalho	12/21	57,1%	0,172

*Input* 0,866

*significance* = 0,007

Fonte: elaborada pelos autores.

<sup>17</sup> O *input* consiste no “nível geral de uso de um determinado valor da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 238).

<sup>18</sup> O nível de *significance* pode ser considerado a margem de erro de uma pesquisa. A margem utilizada pelo Varbrul é de 5% (*threshold*, 05), o que representa o grau de confiabilidade dos resultados: “se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos” (SCHERRE, 1993, p. 27).

<sup>19</sup> Abreviatura para *Peso Relativo* das variáveis, em que  $PR < 0,5$ ,  $PR = 0,5$  e  $PR > 0,5$  indicam, respectivamente, desfavorecimento, neutralidade e favorecimento de um fator em relação à variante escolhida como aplicação da regra.

Sobre o controle da variável *tópico discursivo*, é importante explicar, conforme Pinheiro (2005), que esse grupo de fatores compreende uma categoria de base textual e interacional. É de cunho textual porque se relaciona com o plano global de organização do texto, e interacional por ser uma categoria que permite aos interlocutores atribuírem propriedades específicas a ele, conforme suas práticas interacionais. Os resultados desta pesquisa mostram que o fator *cotidiano* (0,736) é o único aliado do verbo *botar*, enquanto os fatores *recordações* (0,437), *religião* (0,237) e *trabalho* (0,172) inibem a realização desse mesmo verbo. O fator *trabalho* (0,172), além de se apresentar como inibidor do verbo *botar*, pode nos levar a cogitar que, quando o informante está falando de situações que denotam ações profissionais ou de emprego, ele usa o verbo *colocar* em detrimento do verbo *botar*. Concluímos que a hipótese de que, dentre os *tópicos discursivos*, o fator *trabalho* favorece o verbo *botar*, ao contrário do fator *escola*, que inibe o uso desse verbo, foi refutada. Afinal, como apresentado, o tópico *escola* não foi selecionado e o tópico *trabalho* inibe o verbo *botar*.

A seguir, apresentamos os resultados, em termos de percentual de uso, obtidos para as variáveis sociais *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Tabela 2- Número de ocorrências e frequências da variável *sexo* para o verbo *botar*, na amostra analisada

	Masculino		Feminino		Total de ocorrências/ frequência de uso	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Botar	67	83,8%	43	84,3%	110	84,0%
Colocar	13	16,2%	08	15,7%	21	16,0%
Total de ocorrências	80	61,10%	51	38,9%	131	100%

Fonte: elaborada pelos autores.

Uma das primeiras referências sobre a correlação entre variação linguística e o *sexo* dos indivíduos é Fischer (1958). Em seu trabalho clássico, Fischer (1958) analisou o falar de crianças residentes em uma pequena aldeia da Inglaterra e estratificadas em duas faixas etárias distintas: I: de 3 a 6 anos e II: 7 a 10 anos. O autor analisou a variação na pronúncia do sufixo inglês *-ing*, formador de gerúndio (*walking*, *talking*), e concluiu que a pronúncia velar, caracterizada pelo obstáculo de sua pronúncia ser formada pela aproximação ou contato da língua com o palato mole, era mais frequente entre mulheres.

A variável *sexo*, mesmo não se apresentando como relevante pelo programa estatístico para nossa pesquisa, revelou dados interessantes. Ou seja, a partir dos percentuais de uso obtidos para a variável *sexo*, verificamos que as mulheres apresentam uma frequência de uso

para o verbo *botar* (84,3%) maior que a frequência de uso obtida para os homens (83,8%), apesar de a diferença entre homens e mulheres não ser expressiva.

Os resultados apresentados refutam, em parte, nossa hipótese inicial de que os homens favorecem o verbo *botar* e as mulheres beneficiam o *colocar*, pois os números mostraram que ambos os sexos usam o verbo *botar*, praticamente, com a mesma frequência de uso. Conforme os dados, o verbo *colocar* (16,2%), mesmo com pouca expressividade, foi mais frequente entre os homens.

A seguir, apresentamos as frequências de uso fornecidas pelo programa para a variável *faixa etária*.

Tabela 3- Número de ocorrências e frequências da variável *faixa etária* para o verbo *botar* na amostra analisada

Faixa etária	Botar		Colocar		Total de Ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
I (15 a 25)	33	82,5%	7	17,5%	40	30,5%
II (26 a 49)	36	83,7%	7	16,5%	43	32,8%
III (+de 50)	41	85,4%	7	14,6%	48	36,6%
Total de ocorrências	110	84%	21	16%	131	100%

Fonte: elaborada pelos autores.

Os dados da Tabela 3 mostram que o verbo *botar* é o mais frequente em todas as faixas etárias. De acordo com esses números, existe, ainda que discretamente, uma frequência de uso crescente para o verbo *botar*, conforme aumenta o nível de escolarização do informante.

As frequências de uso obtidas aqui mostram que os informantes mais velhos são os que mais usam o verbo *botar* (85,4%), seguidos dos adultos (83,7%). De acordo com Labov (2008), existe uma tendência de os indivíduos de maior idade preferirem formas mais conservadoras, enquanto os mais jovens preferem as formas mais inovadoras. Para esta pesquisa, consideramos o verbo *botar* como inovador, o que implica dizer que, os resultados deste estudo, não estão em consonância com o pensamento clássico de Labov (2008 [1972]).

Importante destacar, ainda, que a faixa etária é apontada pelos estudos variacionistas como uma variável extralinguística de grande relevância, uma vez que ela pode fornecer dados sobre o grau de estabilidade da variável linguística em estudo, indicando se o fenômeno estudado compreender um caso de variação estável ou se aponta uma mudança em progresso.

De acordo com os percentuais de uso obtidos para as variantes *botar* e *colocar*, os falantes mais jovens são os que menos usam o verbo *botar* (82,5%) e, ao mesmo tempo, os que mais usam o verbo *colocar* (17,5%), o que corrobora nossa hipótese inicial para a consideração da *faixa etária*. Para Freitag (2005, p. 106), “a faixa etária é uma variável extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações

sociais, mercado de trabalho e escolarização”.

A seguir, apresentamos os resultados para a variável *escolaridade*, um outro grupo de fatores de grande relevância para as pesquisas variacionistas, uma vez que estudos apontam que essa variável atua frequentemente sobre as escolhas linguísticas dos falantes.

Tabela 4- Número de ocorrências e frequências da variável escolaridade para o verbo *botar* na amostra analisada

Escolaridade	<i>Botar</i>		<i>Colocar</i>		Total de Ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 a 4 anos	45	83,3%	9	16,7%	54	41,2%
5 a 8 anos	41	85,4%	7	14,6%	48	36,6%
9 a 11 anos	24	82,8%	5	17,2%	29	22,1%
Total de ocorrências	110	84%	21	16%	131	100%

Fonte: elaborada pelo autor

As frequências de uso apresentadas na Tabela 4 mostram que, na amostra desta pesquisa, os informantes menos escolarizados são os que mais empregam o verbo *botar*. Logo, os menos escolarizados (0 a 4 anos) usam o verbo *botar* (83,3%) com maior frequência do que os informantes mais (9 a 11 anos) escolarizados (82,8%). No entanto, foram os informantes com escolarização de 5 a 8 anos os que apresentaram a maior frequência de uso de *botar* (85,4%). Com relação ao verbo *colocar* (17,2%), verificamos que os mais escolarizados são os que mais frequentemente usam esse verbo.

Conforme pontuamos anteriormente, o controle da variável *escolaridade* é muito recorrente na sociolinguística e, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), o contato do informante com a escola, assim como a qualidade desse contato, influenciam seu repertório linguístico. Nessa lógica, os indivíduos que têm mais tempo de escolarização, normalmente, estão em contato mais fortemente com as formas variantes de prestígio, enquanto os que não frequentam a escola, às vezes, nem mesmo chegam a ter contato com as formas variantes que gozam de prestígio social.

### Considerações finais

Nesta pesquisa, analisamos o comportamento variável dos verbos *botar* e *colocar* em amostra de linguagem popular falada em Fortaleza. Nosso objetivo foi analisar, a partir de dados reais de linguagem em uso, quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam o uso do verbo *botar* em coocorrência com *colocar* na amostra analisada. Nosso esforço de pesquisa ancorou-se na compreensão basilar de que, em amostra de linguagem popular da capital cearense, os verbos *botar* e *colocar* compreendem um fenômeno de variação linguística.

Partindo desse reconhecimento, formulamos, tal como explicamos logo de início, alguns questionamentos aos quais procuramos lançar alguma luz com esta pesquisa: O verbo *botar* é mais frequente que o verbo *colocar* em amostra do NORPOFOR?; quais fatores linguísticos (*traço semântico e animacidade do objeto, determinação do sujeito e papel do falante*) e/ou extralinguísticos (*sexo, faixa etária, escolaridade e tópico discursivo*) condicionam de modo favorável ou não o uso de *botar* e *colocar*?; a alternância entre os verbos *botar* e *colocar*, na amostra examinada, compreende um processo de variação linguística estável ou há indícios de mudança em curso?

Sobre a primeira questão, os dados analisados mostraram que, na amostra desta pesquisa, o verbo *botar* (84,0 %) ocorre de maneira bem mais frequente que o verbo *colocar* (16,0%). Quanto ao segundo questionamento, os resultados apontaram que é estatisticamente pertinente para a realização de *botar*, a variável *tópico discursivo*, com o fator cotidiano favorecendo de modo bastante expressivo (0,736), a realização do verbo *botar*. No que concerne à terceira e última questão levantada, não nos parece cabível afirmar que, na amostra desta pesquisa, o comportamento dos verbos *botar* e *colocar* figura como um fenômeno de variação estável ou se apresenta indícios de mudança em curso, tendo em vista que a variável *faixa etária* não foi selecionada como pertinente para o fenômeno em estudo.

## Referências

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 21-47.
- ARAÚJO, A. A. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597>. Acesso em: 11 nov. 2019.
- ARAÚJO, A. A. O projeto norma oral do português popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUISTICA E FILOSOFIA, 15, 2011, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. **Anais...**, v. 15, n. 5. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 835-845. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlftomo\\_1/72.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/72.pdf). Acesso em: 10 jan. 2020.
- ARAÚJO, A. A. O abaixamento da pretônica /o/ no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUISTICA E FILOSOFIA, 14, 2010, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. **Anais...**, v. 14, n. 2, t. 2. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2010. p. 1203-1214. Disponível em: [www.filologia.org.br/xiv\\_cnlftomo\\_2/1203-1214.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlftomo_2/1203-1214.pdf). Acesso em: 20 out. 2019.
- ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. M.; PEREIRA, M. L. S. O banco de dados NORPOFOR. In: ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. M.; PEREIRA, M. L. S. (Orgs.). **Fotografias Sociolinguísticas do falar de Fortaleza – CE**. Fortaleza: Ed. UECE, 2018. p. 15-65.



BAGNO, M. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

BARRETO, K. H.; OLIVEIRA, N. F.; LACERDA, P. F. A. A variação dos verbos colocar e botar na modalidade oral. **Via Litterae**: Revista de Linguística e Teoria Literária, Anápolis, v. 4, n. 1, jan./jun., 2012. Disponível em: [www.unucseh.ueg.br/vialitterae](http://www.unucseh.ueg.br/vialitterae). Acesso em: 1 dez. 2013.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BECHARA, E. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna**: a Sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. Projeto Atlas linguístico do Brasil: Antecedentes e Estágio Atual. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 855-870, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2018.

CARMO, D. L.; ARAÚJO, A. A. Os verbos *botar* e *colocar* no falar culto de Fortaleza: uma fotografia Sociolinguística. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6, n. 16, p. 282-297, jul. 2015. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/edicoes/21/18112015102622.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2017.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

FERREIRA, M. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo, FTD, 2003.

FISHER, J. L. Social influences on the choice of linguistic variant. **Word**, New York, n. 14, p. 47-56, 1958. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/fischer1958.pdf>. Acesso em: 14 maio 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAG, Raquel Mister ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas e Letras**, Santa Catarina, v. 6, n. 11, p.105-121. 2005. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/875/740>. Acesso em: 02 maio 2020.

GUY, G. R.; ZILLES, A. M. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Editoria Parábola, 2007.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da Norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.57-81.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAVOR, C. M. A.; ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. M. Uma fotografia sociolinguística dos verbos botar, colocar e pôr em Alagoas, Ceará e Piauí a partir de dados do ALiB. **Polifonia**, Cuiabá, v. 25, n. 37.2, p. 171-310, jan./abril, 2018. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/6111/pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 15. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

LUFT, C. P. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MOLLICA, M. C. A relevância das variáveis não linguísticas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 27-31.

PINHEIRO, C. L. **Estratégias textuais-interativas: a articulação tópica**. Maceió: Edufal, 2005.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONT, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref). Acesso em: 10 jun. 2017.

SCHERRE, M. M. P. **Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores**. Brasília: UNB, 1993.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

XIMENES, S. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2 ed. Reform. São Paulo: Ediouro, 2000.

### **Sobre os autores**

*Aluiza Alves de Araújo* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2166-0852>)

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC); graduada em Letras pela mesma instituição. É professora do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

*Cassio Murilio Alves de Lavor* (Orcid iD: <https://orcid.org/000-0002-5228.6042>)

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); licenciado em Letras pela mesma instituição. É professor da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC).

*Maria Lidiane de Sousa Pereira* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0048-1321>)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE); mestre em Linguística Aplicada pela UECE; graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista da CAPES. É professora do Curso de Graduação em Letras/Língua Portuguesa da URCA - Unidade Descentralizada de Missão Velha.

Recebido em agosto de 2020.

Aprovado em outubro de 2020.